

REVISTA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

SITIENTIBUS

DESENHO E EDUCAÇÃO BÁSICA

ARTIGO

INFÂNCIAS E CULTURAS: REPRESENTAÇÕES RACIAIS NAS IMAGENS DO LIVRO DIDÁTICO *CHILDHOOD AND CULTURES: RACIAL REPRESENTATIONS IN PICTURES OF TEXTBOOK*

SUELY DOS SANTOS SOUZA

Mestre em Educação, Professora do Departamento de Educação (DEDU/UEFS). E-mail: mission.suely@hotmail.com

GLAUCIA MARIA COSTA TRINCHÃO

Doutora em Educação, Coordenadora do Programa de Pós Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade (PPGD/UEFS).

E-mail: gaulisy@gmail.com

RESUMO

O presente estudo ressalta a importância da análise das representações raciais do povo negro contidas no livro didático. Analisam-se indicadores de concepções raciais presentes em algumas imagens. Como composição do livro didático acredita-se no potencial pedagógico da imagem para se trabalhar o imaginário, a memória e a identificação de elementos, mas também na sua capacidade de portar estereótipos e preconceitos. Selecionou-se duas imagens que fazem referência a comunidade negra em um livro de História 5º ano, indicado pelo PNLD e a metodologia adotada é a qualitativa, associada ao método iconográfico de Análise de Imagens, de Erwin Panofsky. Esse estudo contribui para a reflexão sobre as representações visuais que compõem o livro didático, que por detrás da sensibilização estética, podem exteriorizar concepções discriminatórias que precisam ser desvendadas e conclui-se que, ainda hoje, os livros didáticos são portadores de tais concepções, que necessitam ser desconstruídas.

Palavras-chave: Representações raciais; análise de imagens; ideias discriminatórias

ABSTRACT

This study presents emphasizes the importance of analysis of racial representations in the black people's contained in textbook. Are analyzed indicators of racial conceptions present in some images. As typesetting of textbook it is believed in the pedagogical potential of the image for work with the imaginary, the memory and the identification of elements, but also on its capacity in carry stereotypes and prejudices. Selected two images which make reference to the black community in the History book of the 5th degree, indicated by the PNLD it was adopted the qualitative methodology, associated with the iconographic method of Image Analysis, by Erwin Panofsky. This study contributes to the reflection on the visual depictions which compose the textbook that behind the aesthetic awareness, can externalize discriminatory conceptions that need to be unraveled and is concluded that, even today, textbooks are bearers of such conceptions, which need to be deconstructed.

Keywords: Racial representations; analysis of images; discriminatory Ideas.

INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado é resultado de um estudo interdisciplinar envolvendo as áreas de Educação e Desenho e

é parte do resultado de pesquisa acadêmica realizada no curso de Mestrado em Educação, cujo início se deu no curso de Especialização em Desenho com Ênfase em Memória e Registro, ambos na Universidade Estadual de Feira de Santana/UEFS.



O objetivo é analisar os indicadores de concepções raciais, especificamente do povo negro, presentes em algumas imagens desse instrumento didático, que denotem ideologias expressas em conceitos de racismo, preconceito e discriminação, que resultam na desvalorização do outro e que influenciam as construções sociais e culturais na infância.

É de grande relevância que análises ao livro didático sejam realizadas constantemente, pois, por ser este um instrumento de importância pedagógica considerável, o mesmo é utilizado em todas ou quase todas as séries do Ensino Fundamental, como instrumento auxiliar na construção da cultura.

Nesse aspecto, consideramos nessa pesquisa a importância de analisar o livro didático como instrumento pedagógico não somente no que se refere ao seu conteúdo textual, mas, principalmente, quanto às imagens que compõem e dinamizam sua estrutura, pois as mesmas, como forma de representação e interpretação do mundo, são capazes de exteriorizar concepções, ideias e valores preconizados por pessoas que contribuem para a produção e transmissão de cultura e ideologias, concepções estas, que se tornam parâmetros para os educandos inseridos em nossa sociedade.

Uma abordagem qualitativa foi escolhida para alcançar o objetivo proposto, porque esse tipo de abordagem é essencialmente descritiva, levando em consideração a subjetividade dos processos e relações e tem como base a percepção de um fenômeno num contexto (TRIVIÑOS, 1987).

Nesse recorte da pesquisa selecionou-se o livro didático História -5º ano, da Editora Moderna, Projeto Buriti, indicado pelo PNLD por meio do Guia do Livro Didático, triênio 2010-2012, para ser utilizado na rede pública de ensino no Brasil, como fonte de pesquisa empírica. Deste, selecionou-se duas imagens que fazem referências ou têm relação com o conteúdo analisado, e utilizou-se como procedimento metodológico o método iconográfico de análise de imagens, de Erwin Panofsky (2002), para entender a composição das imagens, revelando no estudo iconológico as motivações por detrás da estética imagética.

Esse método é dividido em três etapas: a primeira etapa, chamada pelo autor de descrição pré-iconográfica de uma obra de arte, implica em uma leitura simples do que se pode ver na obra, levando em consideração o senso comum e aquilo que conseguimos reconhecer em nossa experiência visual; a segunda etapa, análise iconográfica, já abrange uma análise mais cuidadosa, uma ação que requer mais domínio de conceitos e assuntos específicos do campo da História da Arte e do Desenho; na terceira etapa, interpretação iconológica, aprofunda-se mais para chegar aos valores ideológicos, simbólicos, aos motivos intrínsecos, relacionando a obra e seus componentes às intenções dos sujeitos que a produzem, ou encomendam. A compreensão desse método é importante para estudos sobre as imagens dos livros didáticos.

Tal método nos auxilia ainda na percepção do que tais imagens conseguem despertar e/ou produzir em nós a partir do que já temos interiorizado em nosso convívio social e histórico.

Aborda-se aqui, então, a presença do negro no Brasil Império, período ilustrado pelas imagens selecionadas, com a intenção maior de despertar a visão analítica de educadores e o repensar crítico do uso de imagens na prática docente.

A PRESENÇA DO NEGRO NO BRASIL IMPÉRIO

O período que compreende o Brasil Império retrata o momento da história em que acontecia a escravidão dos negros africanos pelos brancos europeus, período este marcado pelo tráfico negreiro caracterizado por muita crueldade, por meio de castigos, maus tratos e injustiça social. À mão de obra negra era relegado o trabalho braçal e todas as atividades que exigiam o esforço físico, e ainda havia os escravos domésticos que cuidavam dos afazeres das casas de seus senhores.

Essa época retrata como os negros foram espalhados pelo território brasileiro e como contribuíram para aumentar a riqueza de seus senhores, mas também sua resistência e sofrimento. Cruz (s.a, p. 5,6) diz que:

[...] o trabalho escravo negro era essencial nas mais variadas atividades e desempenhava todos os trabalhos necessários à vida no Brasil naquele momento. O braço negro esteve presente nas lavouras do Norte e do Sul do país, nos serviços domésticos, nas aglomerações urbanas sendo que o desenvolvimento da economia brasileira na época colonial está intimamente relacionado com o desenvolvimento da escravidão no Brasil, [...] criou-se todo um sistema de dominação através da coerção e repressão. Estas foram, portanto, as bases de sustentação do escravismo no Brasil e explicam a grande duração do mesmo.

Nesse aspecto, os negros que se tornaram essenciais para o desenvolvimento econômico de então, eram também as maiores vítimas da injustiça social da época, passando a serem alvos de preconceitos e discriminação, pela sua cor e raça, advindos da situação histórica de dominação a que esse povo foi submetido.

Nos livros didáticos, os negros sempre foram retratados de forma subalterna por meio de imagens que ilustram sua entrada e permanência nas terras brasileiras, as relações que se estabeleceram entre estes e a sociedade branca colonial, mas muitas delas sob o olhar da imagem do racismo que se estabeleceu no pensamento social. É visível que:

O racismo contamina o imaginário social afetando as relações sociais e hierárquicas atuais. Estabelece-se assim um ciclo de racismo entre gerações que ao ter esse conhecimento dos livros didáticos perpetua o mesmo enredo nas escolas. [...] encontraremos o escravo negro em condição submissa, onde retrata

uma visão estereotipada e violenta que reafirma a subalternidade do negro e seu lugar de “coisa” e passiva” diante da violência que foi submetido. Essas imagens de espaços de submissão, que se instauraram no pensamento coletivo pedem para ser ressignificadas [...] (AZEVEDO, 2011, p.05).

Tais imagens expressam o conteúdo eurocêntrico estereotipado que se mostra determinante no que se refere a esse assunto, e que por muitas décadas permaneceu no imaginário popular. O branco e sua cultura sempre ganharam predominância nas representações contidas nesse material, este sempre esteve em posições de destaque, nas melhores profissões e ilustrados como exemplos de beleza e domínio, exteriorizando a concepção de superioridade da raça branca sobre a negra, reflexo da construção social histórica.

Já o personagem negro em todo esse contexto, na grande maioria dos livros didáticos, sempre esteve relegado a segundo plano, como personagem de terceira classe, pessoas indignas de respeito e consideração. Muitas vezes ilustrado de forma estereotipada, grotesca e até comparado a animais, o negro era representado como figura destituída de beleza, inteligência e cuja cultura não merecia respeito e consideração, através de imagens negativas e inferiorizadas.

Para Luiz e Souza(s.a., p.4), os negros:

[...] foram associados a um número limitado de atividades profissionais e representados principalmente em posições de menor prestígio; foi recorrente nas obras a associação de crianças negras a animais pretos e/ou a figura dos meninos de rua; foi realizada uma descrição dos negros como meros coadjuvantes das ações e dos processos históricos, sendo invisibilizados os contextos socioculturais típicos dos negros; as culturas africanas não foram tratadas de modo complexo; as populações negras estiveram confinadas a determinadas temáticas; em vários casos enfatizou-se simplificar a vinculação da transformação do escravo no marginal contemporâneo; em alguns casos foi dado destaque a manifestações individuais de resistência negra, mas não a manifestações coletivas.

Tais formas de representação tinham objetivos específicos de justificar a dominação como maneira de legitimação dos estatutos das práticas do domínio social estabelecidos pelos grupos dominantes, instaurando a naturalização e legitimação do poder estruturante que modelava e determinava as relações sociais no Brasil de então.

Na preservação dessas representações é constatado que o preconceito e a discriminação que a sociedade possuía, e ainda possui de forma mascarada, por esse povo também se expressa no livro didático e que os mesmos refletem as concepções antagônicas entre o branco e o negro e dessa forma:

[...] esses livros veiculam a relação opressor-oprimido, o branco é o representante da espécie com atributos tidos como universais [...] evidenciou-se pelo desempenho das atividades profissionais mais diversificadas. O negro foi associado a

personagens maus, à sujeira, à tragédia, à maldade. O branco representou os santos, os ricos e os heróis (SILVA, 2004, p. 29).

Tais concepções revelam uma noção de superioridade da raça branca em detrimento da raça negra, relegando o negro somente a posições subjugadas e submissas e sua figura sempre se encontra associada ao que não é bom, desejável e nem admirável.

Diante dessa reflexão, e também tendo em vista o momento histórico retratado aqui, analisa-se imagens contidas no livro História - 5º ano, Projeto Burity, para investigar a concepção que este livro, considerado atual, retrata acerca do personagem negro, e o que constata-se é relatado a seguir nas observações feitas às duas imagens selecionadas.

ANÁLISE DE IMAGEM DO LIVRO HISTÓRIA – 5º ANO

A imagem selecionada desse livro se encontra na Unidade 4 que tem como título: *O Brasil em Formação*. O primeiro capítulo dessa unidade tem o tema: *O reinado de D. Pedro I* e fala sobre a outorga da primeira Constituição brasileira, a independência do Brasil, a abdicação de D. Pedro ao trono e a organização dos poderes. O segundo capítulo, *O período Regencial*, fala sobre a escolha dos regentes para governar o Brasil, as fases desse período e D. Pedro II assumindo o governo. E o terceiro capítulo com o tema *As festas no tempo do império*, fala sobre as festas que aconteciam nessa época, mostrando que os festejos cívicos se relacionavam aos acontecimentos políticos. As festas populares aconteciam nas ruas e praças públicas e as privadas aconteciam nas casas, nos palacetes e no Palácio Imperial.

As duas imagens, analisadas a seguir foram unidas aqui em uma só para se proceder uma melhor comparação. Temos então, uma imagem ilustrando a festa do povo negro, o Batuque de São Paulo, e outra ilustrando uma festa católica, a Festa do Divino.

Figura 1. O Batuque de São Paulo e a Festa do Divino.

(Falta a imagem)

Embora três imagens estejam posicionadas nas páginas que aborda o assunto das festas, estas duas cenas foram selecionadas por ser representação de festas populares de rua. A Festa do Divino apresenta um grupo vestido austeramente, seis homens, com trajes característicos e luxuosos e portando instrumentos musicais, um deles carrega a bandeira que representa o Espírito Santo. A imagem do Batuque de São Paulo mostra um grupo de negros festejando, nove pessoas compõem a cena: dois homens tocando instrumentos musicais, dois casais dançando, uma senhora negra sentada com uma criança e ao fundo, em leve sobreposição, um homem branco, que pelo uniforme parece ser um guarda, com os braços cruzados em uma postura de observação.

Essas imagens em particular possuem um elemento interessante na arte, que é o movimento. Para Arnheim (2007), todo movimento é uma combinação de subsistemas que funcionam independentemente e se integram em um todo. É a atração visual mais intensa da atenção, ele faz o olho voltar-se para o local e seguir o curso da ação. Para esse autor, os seres humanos, de uma forma geral e de modo similar, são atraídos pelo movimento.

Mas, no que se refere à pintura, falar de movimento é aplicar uma linguagem metafórica, pois como uma figura estática, nada realmente se move fisicamente. No entanto, as propriedades dinâmicas atribuídas à imagem fazem com que o sistema nervoso do observador tenha a ilusão de que há uma locomoção real, e a imagem dá a impressão de estar em movimento. Essa sensação é possível porque o espectador cria dentro de seu próprio corpo reações sinestésicas apropriadas àquela observação, isso o ilude, fazendo ver movimento onde não há nenhum, ou pelo menos dotando o objeto imóvel de uma vaga mobilidade.

Nessas cenas, as imagens apresentam certa interação de espaços, cenários e alguns objetos, manuseados ou não, com as figuras humanas que se movem, integradas no contexto geral das representações. Nos dois momentos o espaço ou a vegetação e o solo aparecem exercendo o papel de moldura, na qual os personagens estão inseridos. No jogo desses elementos, a imobilidade espacial reforça a ilusão de movimento dos personagens.

Nas duas ilustrações os braços e as pernas dos personagens são apresentados movimentando-se e a partir desses movimentos, que aparentam ser lentos ou rápidos, percebe-se que as danças sugerem músicas em ritmos distintos, nesse aspecto, as pinturas seguem adaptando o movimento visual ao âmbito da percepção do leitor.

O registro visual de uma dança possui particularidades interessantes, pois consciência, desejos, sentimentos e intenções são expressos no comportamento dos personagens, estabelecendo uma interação entre os mesmos, e transmitindo para o espectador as intenções e reações manifestadas nas ilustrações (Idem, 2007).

Nesse registro há a percepção de um detalhe sutil, mas distinto nas duas imagens, o enfoque do Batuque

de São Paulo está no corpo, já na Festa do Divino está na indumentária. Observa-se também que na imagem da Festa do Divino o autor lança mão das cores na ilustração das roupas e instrumentos, o que chama a atenção imediata dos olhos para aqueles personagens.

As frutas tropicais aparecem como uma simbologia e revelam a noção de terra tropical difundida pelos europeus das terras brasileiras. As pessoas negras ilustradas estão descalças, como retrato histórico de “um dos símbolos de subalternização que marcam a escravidão na iconografia do séc. XIX” (JOVINO, 2007, apud. OLIVEIRA, et. al. 2007, p. 30).

As mulheres que aparecem na cena dançando estão vestidas desleixadamente e de forma vulgar, com roupas que deixam à mostra seus seios enquanto dançam. Isso poderia parecer como algo cultural caso não se levasse em consideração a concepção que se tinha naquele momento sobre a figura feminina negra, em que as mulheres eram dotadas de sensualidade, voltadas à sedução e ao apelo sexual, vistas como exóticas, sedutoras e lascivas (SILVA, 2004).

Ella Shohat e Robert Stam, falando acerca das concepções eurocêntricas dizem que,

As mulheres do Terceiro Mundo - quando não são meros símbolos eróticos em terras virgens - são marginalizadas, aparecendo basicamente como subalternas dotadas de enorme apetite sexual. [...] enquanto a mulher branca tem que ser seduzida, aprisionada, praticamente estuprada para que seu desejo reprimido seja despertado, a mulher árabe/negra/latina é movida por um intenso desejo sexual. Desse modo, um duplo discurso apresenta a terra colonizada e seus habitantes como objetos de desejos, ao mesmo tempo puros e obscenos (2006, p. 236).

Isso mostra bem as concepções deturpadas que se tinha dessas mulheres, o que resultou em ações desmedidas e desumanas, ações de desrespeito quando estas eram subjugadas como objetos de desejos de seus senhores e de homens brancos em geral, muitas vezes estupradas, o que resultou no nascimento de muitos escravos mestiços e sem o reconhecimento de sua descendência branca.

Nesse aspecto, “imagens de mulheres árabes/negras “fogosas” em contraposição a mulheres brancas e “frígidas” obliteram, de maneira mítica, a história da submissão das mulheres do Terceiro Mundo em relação ao homem do Primeiro Mundo” (Idem, p. 237), mostrando que as fantasias sexuais dos homens brancos europeus, que até então eram suprimidas principalmente por causa dos costumes e da religião, agora poderiam ter uma vazão, já que as mulheres das terras tropicais, especialmente as escravas negras, eram consideradas como produto, “peça”, mais um dos muitos objetos do senhor.

E assim lamentavelmente a história mostra que “o imaginário imperial conseguiu saciar suas próprias fantasias de dominação sexual graças à erotização e exotização do Terceiro Mundo” (Idem, p. 240).

Tais concepções permeiam até hoje a visão estereotipada da mulher afro-brasileira dentro e fora

do Brasil, em que se supervalorizam os atributos físicos (sobretudo sexuais) em detrimento de outras qualidades, reforçando que:

O imaginário sobre a mulata sensual, sambista, boa de cama, de fato, perpassa o imaginário nacional. No momento de revelar a cultura do afro-brasileiro, como o carnaval, muita ênfase se dá às mulheres negras, exaltando essas características, mas poucas reflexões são feitas a respeito da história da mulher negra e à posse forçada do seu corpo pelos senhores escravocratas (DIOGO, 2008, p. 62).

Infelizmente isso ainda é marcante na concepção popular, percebida na transmissão de estereótipos que não prestigiam a mulher afrodescendente e a desvalorizam em suas grandes, variadas e ricas qualidades.

Isso traz a compreensão de que o Batuque de São Paulo expressa a maneira histórica de concepção dessa mulher negra, levando em consideração o que Coregnato e Mutti (2006) dizem sobre os sujeitos serem assujeitados pelo coletivo e como os mesmos se tornam representantes e porta-vozes dos discursos ideologicamente construídos.

A imagem apresenta, em sobreposição, a figura de um guarda, símbolo de autoridade que está ali para garantir que a ordem não será perturbada, o que não acontece na festa católica, também festa de rua. Sua postura expressa uma apreensão, os braços cruzados demonstram rejeição e até certo desprezo em relação ao que ele observa. Já na outra figura, não há representações de autoridades, talvez por ser uma festa religiosa católica, o autor não tenha visto a necessidade de alguém que garanta a ordem, e os personagens aparecem de maneira austera, elegante e ordeira, passando uma postura de serenidade e superioridade cultural.

As expressões das pessoas aparecem de forma grotesca, caricaturada, de maneira deformada e com aspecto animalesco, mostrando a maneira como o discurso do negro modelado de maneira caricatural, com expressões doentias e animalizadas, pretendia mitificar ideologicamente as diferenças, adjetivando-as, e, dessa maneira, legitimando e justificando a dominação branca.

Percebemos também que o preconceito manifestava-se abrangendo também as expressões culturais. Nascimento (2002), diz que, desde a fundação da colônia e do momento em que os africanos e suas culturas adentraram o solo americano, sua manifestação cultural, na integridade dos seus valores, na dignidade de suas formas e expressões, nunca teve reconhecimento no Brasil.

A maneira como essa cena é representada, como os corpos são ilustrados na execução dos movimentos, bem como a exposição das mulheres reflete claramente a concepção de degradação física e moral que se tinha dos povos negros, mostrando que,

A discriminação estendia-se também ao campo cultural: as festas e os bailes frequentados pelos escravos e pelos pretos pobres eram condenados

pela burguesia comerciante e vistos como manifestações obscenas e primitivas; os cultos afro-brasileiros eram taxados de superstições grotescas (FERRETTI, 2007, p. 3).

Dessa maneira, o menosprezo às expressões e a matriz cultural africana expressa a noção de superioridade que se manifesta de maneira clara na imagem da Festa do Divino, em que os personagens são ilustrados elegante e austeramente. A visão desses personagens e de sua cultura perpassa pela constituição ideológica negativa acerca dos sujeitos negros, em um discurso organizado de maneira a desqualificar valores culturais. Dessa forma,

Ridiculariza-se seu registro verbal, pois é considerado incapaz de [...] expressar-se adequadamente; menosprezam-se sua visão de mundo, seus costumes, crenças e religiosidade; banalizam-se sua herança cultural e carnavalizam-se, grosseiramente seu corpo e expressão facial, que se tornam sinônimos de um absurdo desvio estético (MARTINS, 1995, p. 42).

Na medida em que se naturalizam as relações hierárquicas de dominação sobre as culturas consideradas inferiores, banalizando seus costumes, crenças e herança cultural, justificava-se a dominação intelectual e cultural sobre aquelas pessoas também concebidas como inferiores, legitimava-se o poder gerado pelo imperialismo sem necessidade de explicar suas operações, tidas como necessárias e adequadas.

Isso acontecia em um processo de comparação da cultura e costumes dos outros povos tendo como parâmetro a cultura e costumes europeus, tidos pretensamente como civilizados. Nesse julgamento, os povos dos trópicos e os povos mestiços poderiam ser civilizados apenas quando desenvolvessem padrões de comportamento e perfis europeus (PAIVA, 2006).

A exposição dessas cenas e o silêncio em relação a posteriores esclarecimentos deixa explícita ainda hoje a concepção preconceituosa e estereotipada acerca do povo e da cultura negra. Esse livro, no conteúdo do aluno, não traz nenhuma contextualização ou explicação dessas imagens, deixando a cargo do professor e do aluno o trabalho da interpretação e entendimento.

Na parte que se refere ao professor, ele menciona a questão do respeito às tradições e propõe como um dos objetivos que os alunos devem “perceber as festas populares como patrimônio histórico a ser preservado” (COSTA JÚNIOR, op.cit., p. 44). Não há nenhuma indicação de como o mesmo deve fazer para utilizar essa imagem em prol da preservação dos costumes e tradições africanas. Não há indicação e sugestão de contextualização para o professor deixando sob a responsabilidade deste o trabalho com o conteúdo das festas e das imagens.

Fica claro que não há intenção alguma nesse livro de desconstruir preconceitos e estereótipos em relação

ao povo negro e sua cultura. Pelo contrário, ele contribui para a continuação da visão simplificada dos processos de dominação, dando continuidade à visão negativa de que os negros se constituem como um grupo racial étnico de menor ou nenhuma importância para a nação brasileira, contrapondo-se as leis promulgadas sobre o ensino e a valorização do povo e da cultura negra.

Isso se contrapõe ao que foi promulgado e está sendo discutido em todo o cenário nacional, começando pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação- LDB, art. 26º, parágrafo quarto, que diz que “o ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e européia” (BRASIL. MEC, 1996). E também com a promulgação da Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de **História e Cultura Afro-Brasileira na Educação Básica, prevendo uma ação mais contundente para valorização da cultura negra brasileira e africana (BRASIL, 2003)**. Essa lei exige o ensino da contribuição da cultura negra e do negro na formação da sociedade nacional e da cultura brasileira, resgatando a importância dos afrodescendentes nas áreas econômica, social, política e cultural, pertinentes à constituição histórica do Brasil.

Nesse aspecto o ambiente escolar e os instrumentos pedagógicos precisam se adequar as novas realidades, as novas visões e novos conceitos que estão sendo construídos mediante lutas e reflexões sobre conceitos, valores e concepções sobre a cultura afrodescendente e o povo negro brasileiro. Para isso, os movimentos étnicos raciais há décadas empreendem esforços para conseguir o lugar que lhe é devido na sociedade brasileira, com o respeito e a valorização que merece este povo. Estes possuem “como tarefa, além da denúncia, a reinterpretação da realidade social e racial brasileira e a reeducação da população e do meio acadêmico” (MORAES DE SÁ, 2010, p. 10).

Afirma-se aqui que temos ciência de que as imagens presentes no livro História - 5º ano estão sendo utilizadas como fonte histórica, em representação à época mencionada, Império, no entanto, afirma-se também que o livro estudado teria a possibilidade de trabalhar melhor, mais contextualizada e democraticamente esse conteúdo, preocupando-se em analisar e refletir sobre a presença desse personagem, bem como sua cultura no país.

Dessa forma, uma parte do conteúdo que encontra-se na categoria de reflexão das unidades poderia trazer a discussão sobre o negro e seu papel na sociedade brasileira, suas influências na língua, nos costumes, na constituição biológica do povo brasileiro, bem como na cultura como um todo, buscando desconstruir as concepções estereotipadas e preconceituosas que foram estabelecidas no ideário da sociedade brasileira acerca desse povo, povo que como cada brasileiro - independente de cor ou raça faz parte da nação, merece respeito, valorização, possui direitos e deveres, como qualquer cidadão.

Diante disso, ressalta-se nesse trabalho a importância de se analisar o que dizem as imagens, pois as mesmas possuem em si significados e propriedades comunicativas que vão além do texto verbal e como texto não-verbal, produzem efeitos diversificados em nossa memória e em nossas concepções.

A esse respeito, Arnheim (2007) ao falar sobre o simbolismo na arte preconiza que em uma produção artística, o assunto e seu arranjo são planejados e pensados para corporificar uma idéia, dessa maneira, o conjunto de fatos visuais serve para objetivos definidos e, assim, tais componentes visuais não são nem arbitrários e nem um mero jogo de forma e cores, mas servem para dar corpo a um universo invisível.

Leite (1998, p. 44) diz que “ao que é impossível descrever, torna-se indiscutível a prioridade da imagem visual, por sua capacidade de reproduzir e sugerir, por meios expressivos e artísticos, sentimentos, crenças e valores”.

Nesse aspecto, pode-se afirmar, então, contexto específico dessa pesquisa, que as imagens selecionadas no livro didático *História - 5º ano*, estão longe de serem artifícios neutros, pois estas acolhem significados diversos, que permitem interpretações também diversas, na medida em que o receptor passa a decodificá-los de acordo com sua capacidade cognitiva consciente ou inconscientemente.

Sobre isso Erenildo João Carlos (2010) diz que a imagem possui uma função mediadora e constituinte do pensar e do fazer educativo, voltado para a criação e organização dos lugares sociais e para a constituição dos sujeitos, dessa forma, é preciso preparar sujeitos que assumam a posição de leitores críticos de imagem.

A educação, então, é a responsável por manter o diálogo com o conhecimento acerca de imagens, descortinando as diversas facetas de interpretação das mesmas para que as ideias implícitas nas diversas imagens, e aqui especificamente naquelas inseridas no livro didático História - 5º ano, não sejam ignoradas ou inconscientemente apreendidas, se por acaso forem nocivas às noções democráticas de sociedade. Ela deve garantir que os indivíduos desenvolvam uma criticidade, saindo do estado de consciência ingênua ao serem conduzidos por uma prática dialógica e reflexiva.

Nessa pesquisa então, busca-se essa relação ao se aplicar, na prática docente, os conhecimentos da análise das imagens do livro didático que, enquanto instrumento pedagógico, representa uma das mais importantes ferramentas auxiliares na construção da cultura, na metodologia utilizada em escolas públicas de Educação Básica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração que o livro didático ganhou uma importância crescente na educação em nosso país, principalmente nas escolas públicas, onde a realidade que se

constata é que os educandos não possuem muitas alternativas metodológicas e, na grande maioria dessas escolas, não lhes é oferecido instrumentos pedagógicos diversificados, uma nova postura precisa ser adotada pela sociedade e pela comunidade de educadores e nesse aspecto, é importante conceber uma nova maneira de olhar o conteúdo imagético dos livros didáticos.

Afirma-se aqui o valor e potencial da imagem para um ensino que busque a excelência. Sua contribuição é imensa, no que se refere a trabalhar o imaginário, a memória, a identificação de elementos, dentre outros aspectos. A imagem como instrumento pedagógico possui valor inestimável, algumas vezes até dispensando o texto verbal, pois esta individualmente consegue transmitir conhecimentos e mensagens diversas e satisfatórias.

No entanto, quando nos referimos à composição de um instrumento direcionado às massas da população, fica evidente que não é do interesse dos poderes sociais, políticos e econômicos que sejam trabalhadas a consciência crítica e a mente reflexiva, pois, dessa forma, a ideologia que por séculos determina as relações sociais e produtivas, pode ser desmascarada, rejeitada e resistida.

Nesse aspecto, é importante que busquemos decodificar as mensagens ideológicas contidas nas imagens, mensagens estas que podem ter significados diversos, tanto para apresentar ideias, valores e concepções libertadoras e emancipatórias, como o contrário também pode ser verdadeiro, e nessa relação, mensagens danosas à consciência crítica cidadã podem ser transmitidas sutil e discretamente na construção cultural da infância.

As imagens aqui analisadas se referem a um povo que por séculos vem sendo massacrado, discriminado e relegado ao plano social inferior. Com muita luta e determinação os negros têm conseguido mudar essa situação, e a sociedade atual já reconhece o valor da raça negra para a constituição da nação e para a formação social, cultural e biológica do povo brasileiro. Mas sabe-se que, mesmo nos dias atuais, muito do preconceito historicamente construído permanece arraigado na memória nacional.

No entanto, não se pode mais conceber que um instrumento, de cunho democrático, como é o caso do livro didático, ainda nos dias de hoje reproduza tais conceitos, seja em seu conteúdo verbal ou imagético, diante disso, destacamos a importância desse estudo para uma educação contextualizada e realmente democrática.

REFERÊNCIAS

- ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual**: uma psicologia da visão criadora. Trad. Ivone Terezinha de Faria. São Paulo: Pioneira, 2007.
- AZEVEDO, Evelyn Louise Almeida de. **Imagens de escravidão negra no livro didático de história após: a lei 10.639/03**. XI Congresso Luso afro-Brasileiro de ciências sociais. Salvador: 2011. Disponível em: http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1306761165_ARQUIVO_evelyncefet.pdf. Acessado em: 07 de março de 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases**, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acessado em: 07 de março de 2012.
- _____. **Lei nº. 10.639**, de 09 de janeiro de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em 04 de fevereiro de 2014.
- BRASIL. Diário Oficial. **Decreto nº 91.542 DE 19 de Agosto de 1985**. p. 12178 Seção I. Disponível em: http://www.abrelivros.org.br/abrelivros/01/index.php?option=com_content&view=article&id=39:decreto-no-91542-de-190885&catid=20:legislacao&Itemid=31. Acessado em: 07 de Março de 2012.
- CARLOS, Erenildo João (Org.). **Por uma pedagogia crítica da visualidade**. João Pessoa: Editora Universitária da UFBP, 2010.
- COREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. **Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo**. Texto Contexto Enferm. Florianópolis, v. 15. n. 4. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=010407072006000417&script=sci_arttext. Acesso em: 21 de novembro de 2013.
- COSTA JUNIOR, César da (ed.). **História, 5º ano**. 1ª ed. São Paulo: Editora Moderna, 2007.
- CRUZ, Teresa Cristina de Carvalho. **Análise iconográfica do trabalho escravo no Brasil a partir de uma pintura de Debret**. Disponível em: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/viewFile/1521/1283>. Acessado em: 07 de março de 2012.
- DIOGO, Rosália. **Rasuras no espelho de narciso: educadoras negras e a crítica às representações do negro na mídia**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2008.
- FERRETTI, Sergio F. **Preconceitos e proibições contra religiões e festas populares no maranhão**. IX Simpósio anual da Associação Brasileira de História das Religiões em Viçosa, MG. 2007. Disponível em: <http://www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/Preconceitos.pdf>. Acesso em: 07 de março de 2012.
- JOLY, Martine. **Introdução à análise de imagens**. Campinas-SP: Papirus, 1994.
- LEITE, Míriam L.M. **Texto visual e texto verbal**. In. FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Míriam L.M. (orgs) **Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais**. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- LUIZ, Janailson Macedo; SOUZA, Maria Lindaci Gomes de. **Iconografia e livro didático de história: um outro olhar acerca das representações imagéticas sobre as populações negras**. Disponível em: http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2016%2020Janailson%20Mac%C3%AAdo%20Luiz%20TC.PDF. Acessado em: 06 de março de 2012.

MARTINS, Leda Martins. **A cena em sombras**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

MORAES DE SÁ, Wellington Santana. **A presença do negro no livro didático de história do ensino fundamental: uma primeira análise**. Disponível em: <http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/WSMS2010.pdf>. Acessado em 07 de março de 2012.

NASCIMENTO, Abdias. **O Brasil na mira do pan-africanismo**. 2. ed. Salvador: EDUFBA: CEAO, 2002.

OLIVEIRA, Iolanda; AGUIAR, Márcia Angela; SILVA; Petronilha Beatriz Gonçalves, (et. al.)(orgs.). **Negro e educação 4: linguagens, educação, resistências e políticas públicas**. São Paulo: Ação Educativa, ANPED: 2007).

PAIVA, Eduardo França. **História e imagens**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

SILVA, Ana Célia da. **A discriminação do negro no livro didático**. 2ª ed. Salvador: EDUFBA, 2004.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica da imagem eurocêntrica**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

TRIVIÑOS, Augusto N.S. **Introdução à pesquisa social: a pesquisa qualitativa em educação**. 1ª ed. São Paulo: Atlas, 1987.